

# No rastro das caminhadas: etnografia da experiência de caminhadas na natureza no Vale do Ivaí, Paraná

## *In the wake of the walks: ethnography of the experience of hiking in Vale do Ivaí, Paraná*

**Rodrigo Toniol**

Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

E-mail: rodrigo.toniol@gmail.com

### RESUMO

Este artigo tem como foco de interesse empírico a promoção e realização de caminhadas na natureza como política pública no Estado do Paraná, Brasil. A partir desse contexto, investigou-se o modo pelo qual essa ação está relacionada com uma série de transformações mais amplas que têm contribuído para tornar a questão ambiental uma espécie de idioma não restrito ao âmbito ecológico, mas capaz de operar como paradigma moral, ético e estético. Nesse sentido, interessam tanto os processos de institucionalização da questão ambiental, como sua acomodação em contextos de relações específicos. Para tanto, privilegio os caminhantes e o modo pelo qual experimentam a caminhada, forjando sentidos do que seja ecologia, natureza e paisagens rurais, assim como as ações estatais e sua capacidade de articular projetos de desenvolvimento econômico, ecologia, agricultura familiar e turismo na promoção das caminhadas.

Palavras-chave: caminhadas na natureza; ambientalização; paisagem; corpo.

### ABSTRACT

This article focuses empirically on the promotion and organization of hiking events as Paraná state's public policy. In this context, we have investigated the way in which the state's action is related to a range of broader changes that have contributed to turn the environmental issue into a sort of language that is not restricted to the ecological realm, but is instead capable of functioning as a moral, ethic and aesthetic paradigm. In this sense, we are interested in both the institutionalization of environmental issues and in their accommodation with specific contexts of social relations. In order to understand that, we have centered our analysis on the hikers themselves and on the way they experience hiking, giving meaning to notions such as ecology, nature and rural landscapes. We have also examined state actions and their ability to coordinate economic development, ecology, family farming and tourism while promoting hiking events.

Keywords: hiking; environmentalization; landscape; body.

## Introdução

O ato de caminhar parece conter um sentido primordial do deslocamento sob dois aspectos. Por um lado, está relacionado àquilo que é descrito como característico da natureza humana, caminhar ereto sobre os dois pés. Por outro, é associado com processos de contato cultural, formação de alianças e de grupos. A caminhada, nesse sentido, opera tanto como elemento capaz de explicar a humanidade como espécie, quanto para compreendê-la enquanto cultura. Na divisão do trabalho científico, coube aos antropólogos tratar dessa segunda dimensão ontológica da existência humana. O funcionamento dessa partilha entre o domínio da natureza e o da cultura forjou especialistas para cada um deles e, por conseguinte, tornou mais difícil de reconhecer fenômenos, práticas e explicações capazes de deslizar de um desses polos a outro. Assim, embora o ato de caminhar possa ser tematizado como objeto de interesse tanto das ciências humanas quanto das ciências da natureza, cada um desses campos apreendeu esse tipo de deslocamento a seu próprio modo. Enquanto a maior parte das referências sobre caminhadas elaboradas desde as ciências sociais concebem-na como uma via de acesso a representações socioculturais, as problematizações das ciências biológicas estão associadas à evolução da espécie e às habilidades motrizes.

Nas últimas décadas, no entanto, tem surgido uma série de questionamentos sobre esse princípio de distinção absoluta entre natureza e cultura, bem como de suas consequências para a produção de conhecimento (DESCOLA, 2005; INGOLD, 2000; 2011; LATOUR, 1994; 2002; VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Em diálogo com essas perspectivas, detenho-me, neste artigo, em reflexões sobre a organização e a feita de caminhadas, realizadas no marco de uma política pública do Estado do Paraná, Brasil. Tratam-se de caminhadas desenvolvidas no âmbito de um projeto que tem como objetivo o fortalecimento do turismo rural e da agricultura familiar em municípios de vocação agrícola nesse Estado. Tais atividades articulam esferas federais, estaduais e municipais do poder público brasileiro a partir da mobilização de órgãos como o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Paraná (Emater), diversas secretarias municipais, além da Organização Não Governamental Anda Brasil. Precisamente, tomo como *locus* de interesse empírico as atividades relacionadas com o projeto Caminhadas na Natureza<sup>1</sup>, realizadas em algumas cidades da região do Vale do Ivaí<sup>2</sup>, localizada na porção centro-norte do Paraná.

A partir desse universo de investigação, meu esforço neste texto está voltado a dois eixos de reflexões que, embora apresentados inicialmente como distintos, ao longo do artigo serão relacionados. Em primeiro lugar, trato de assumir o próprio ato da caminhada como um fenômeno possível de ser analisado antropologicamente. Em segundo, reflito sobre de que maneira o deslocamento de caminhantes em percursos de paisagens rurais tem contribuído não apenas para despertar o turismo rural em determinadas regiões, mas também para promover certo ideário ecológico entre caminhantes e agricultores envolvidos com o evento. A relação desses dois esforços analíticos reside na possibilidade de conceber o próprio deslocamento da caminhada como um aspecto central para a incorporação desse ideário por parte dos sujeitos pesquisados.

A temática mais ampla da pesquisa que deu origem a este texto está associada à análise dos múltiplos processos de ambientalização social<sup>3</sup>. Tais fenômenos podem ser identificados tanto na emergência de práticas de sujeitos e grupos que fazem da promoção do ideário ecológico um posicionamento político e ético a ser assumido diante de um contexto de degradação ambiental, como também na incorporação de questões ambientais em ações de grupos e instituições que tradicionalmente não estiveram empenhadas na defesa de causas ecológicas. Essa problematização está relacionada com as discussões do grupo de pesquisa interdisciplinar SobreNaturezas<sup>4</sup> cujas investigações têm se voltado para o fenômeno da

rotinização de questões ambientais em determinadas instituições. Trata-se de refletir sobre o funcionamento de uma espécie de *idioma* não restrito ao âmbito do ecológico, mas capaz de também operar como paradigma moral, ético e estético em contextos e práticas aparentemente distantes das problemáticas ambientais<sup>5</sup>.

Eleger uma política que promova caminhadas em paisagens rurais como foco de interesse para investigar a promoção desse *idioma* é, propositadamente, uma escolha que evita centrar atenção em ações voltadas diretamente às temáticas ecológicas, mas que, assim mesmo, podem ser relacionadas a um processo mais amplo de institucionalização dessas temáticas nas políticas estatais. Nesse sentido, a incorporação do ideário ecológico na rotina burocrática do Estado é, além de efeito de um processo de expansão do *idioma ambiental*, um agente ativo na produção e promoção de sentidos específicos para os termos desse *idioma*.

Ao tratar dessa expansão a partir da ideia de *idioma*, procuro assinalar a capacidade que as questões ambientais têm de parecer ideologicamente neutras e, por conseguinte, passíveis de abrigar distintos posicionamentos. A ecologia, nesse sentido, é como um significante vazio, cuja expansão para múltiplos campos está condicionada à possibilidade de mediar debates sem limitar demasiadamente a posição dos atores neles envolvidos. A noção de idioma, portanto, torna evidente essa relação entre a expansão das questões ambientais e a necessária não fixidez dos sentidos do que seja o ecológico, a natureza e o ambiente. Trata-se de uma espécie de idioma cuja existência se dá mais no domínio da sintaxe que no da semântica.

Contudo, reconheço, desde já, que se a metáfora do *idioma ambiental* é potencialmente boa para pensar a expansão de certa ética ecológica, ela também sustenta, como qualquer metáfora, um duplo sentido que, nesse caso, é um risco para a análise aqui empreendida. Isso porque ela pode contribuir para o que podemos reconhecer como uma reflexão reificante, que explica, por exemplo, a constituição de sujeitos ecológicos como resultado de uma espécie de tomada de consciência em que a própria “ecologia” explica a expansão desse ideário. A circularidade de explicações como essas terminam invisibilizando a maneira pela qual os processos de ambientalização potencializam-se na medida em que incorporaram inúmeras contradições, não sendo limitados, nessas associações, por virtuais incompatibilidades, mas, pelo contrário, encompassando-as. No caso das caminhadas em paisagens rurais, trata-se de explicitar e refletir sobre essa relação, aparentemente paradoxal, em que a necessidade de desenvolvimento econômico de determinadas regiões engendram atenções e engajamentos ecológicos.

Ao longo de um ano e meio, acompanhei seis caminhadas em diferentes municípios do Vale do Ivaí e fui duas vezes até Curitiba para interagir com os coordenadores estaduais das atividades. Nesse período, acompanhei o funcionamento das Caminhadas na Natureza em diferentes âmbitos, vivenciei o cotidiano dos escritórios locais que as organizam, estive junto aos produtores rurais envolvidos com o evento, bem como compartilhei a preparação de alguns caminhantes. Entrei em contato com diferentes grupos de caminhadas, passei a integrar listas de troca de e-mails sobre o assunto e, sobretudo, tornei a prática de caminhar em paisagens rurais uma rotina de pesquisa. Além da participação em caminhadas, também vivenciei a organização dessas junto aos extensionistas e agricultores. Somei minhas expectativas às suas sobre o número de caminhantes que viria ao evento, a quantidade de produtos que seriam por eles consumidos, ou mesmo, a possibilidade de uma chuva colocar tudo a perder.

Em certo sentido, o objeto de interesse deste artigo é tudo aquilo que está relacionado com caminhadas na natureza promovidas como política pública no Paraná. Para pesquisar caminhadas, eu mesmo fui convocado a caminhar. Assim, há uma espécie de sobreposição entre o fenômeno de interesse empírico desta pesquisa, as caminhadas, e um de seus procedimentos metodológicos fundamentais, caminhar. A

seguir, procurarei estender ainda mais a centralidade da caminhada para esta investigação, tornando-a como próprio ponto de partida para minhas reflexões. Trata-se de um esforço por tomar a caminhada *em si* como *locus* de problematização e não apenas como expressão de algo a ser problematizado. Vale ressaltar aqui, que, conforme já assinali, minha apropriação da caminhada como fenômeno possível de ser refletido pela Antropologia não nega seu potencial analítico para discussões caras às ciências da natureza. Não interessa, portanto, a caminhada como argumento capaz de operar na explicação da natureza humana ou na compreensão da condição humana, mas enquanto fenômeno que coloca à vista os limites das próprias fronteiras disciplinares. Para levar a cabo esse tipo de reflexão, assumo como questão norteadora, a seguir, a relação entre caminhada e conhecimento.

Em um primeiro momento apresentarei, a partir de uma fotografia de uma das caminhadas, algumas cenas por mim vivenciadas durante os trabalhos de campo. Nessa breve sessão introdutória, não estou interessado em produzir interpretações totalizantes, mas antes disso busco sensibilizar o leitor para o contexto da organização e feitura das caminhadas. Em seguida discorro, brevemente, sobre algumas problematizações que cientistas sociais fizeram com relação ao ato de caminhar e, também, comporei o quadro de referências que orientam minhas reflexões. Por fim, elaborarei uma narrativa etnográfica sobre a preparação e feitura das caminhadas que acompanhei no Vale do Ivaí.

### 1. *Se parar de caminhar é porque morreu: caminhada e conhecimento no turismo rural do Vale do Ivaí*



*I Caminhada Internacional na Natureza de Ivaiporã-PR*

Da varanda de sua casa, na parte mais alta da fazenda, Seu Ivo e Dona Maria observavam admirados a fila indiana de 800 pessoas que cortava seus campos de trigo. A desconfiança de que ninguém sairia de casa em um domingo de manhã para caminhar no mato transformou-se em dúvida inquietante sintetizada por Dona Maria que, sem dirigir a pergunta a ninguém, dizia: “Eu olho, olho e não vejo nada. O que esse povo todo acha de tão bonito na lavoura?” Ao seu lado, uma das técnicas da Emater reage, “Ué, é o que eu sempre falo, o agricultor tem que valorizar o que tem. A gente não sabe o potencial que a gente tem nas mãos”.

\*\*\*\*\*

Após um ou dois quilômetros de caminhada por um campo de aveia, entramos em uma estrada rural. Algumas famílias de agricultores daquela comunidade

aproveitaram o evento e preparam produtos como pães, doces, milho cozido e artesanatos para vender nesse trecho do percurso. Vendo uma aglomeração se formar perto de uma barraca, me aproximei e pude reconhecer Nelson e seus filhos dizendo aos que chegavam: “Desculpe, mas já acabou. A menina vai trazer mais”. Em frente a eles havia uma mesa com alguns copos, jarras vazias e uma placa em madeira com um anúncio escrito em tinta verde: “Suco de laranja ecológico”. Cheguei mais próximo de Nelson e, para puxar assunto, perguntei: “Quer dizer então que estão vendendo suco de laranja ecológico?”. Com uma mão em meu ombro, o agricultor respondeu: “A gente ia vender só o suco de laranja normal, mas aí a Teresa [técnica da Emater] disse ontem que era suco ecológico”.

\*\*\*\*\*

No trecho da caminhada em que atravessávamos uma estrada rural cercada por grandes árvores, uma caminhante me relata sobre como aquelas atividades transformaram sua vida: “Agora a caminhada virou um vício, todo domingo eu estou por aí caminhando. Sabe aquela mulher com quem você estava conversando? Ela tinha depressão, mas depois que começou a caminhar, precisa ver, é a mais animada do nosso ônibus. Eu li numa revista uma frase que é verdade ‘Caminhar é levar a mente para passear’. É isso mesmo”.

\*\*\*\*\*

## 2. Caminhada como objeto de reflexão antropológica

Ainda que o ato de caminhar seja um tipo de mobilidade primordial e esteja, de alguma maneira, relacionado com deslocamentos que têm longa tradição como tema de pesquisa nas ciências sociais, como peregrinações e migrações, ele pouco foi tematizado como objeto de investigação. Talvez a referência mais significativa às caminhadas elaborada nas últimas décadas tenha sido o capítulo intitulado “A fala dos passos perdidos”, no livro *A invenção do cotidiano*, de Michel De Certeau (1994). Duas passagens iniciais desse texto dão a dimensão de como De Certeau concebe as caminhadas cotidianas:

O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (*speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos (DE CERTEAU, 1994, p. 177).

As caminhadas dos pedestres apresentam uma série de percursos variáveis assimiláveis a “torneios” ou “figuras de estilo”. Existe uma retórica da caminhada. A arte de “moldar” frases tem como equivalente uma arte de moldar percursos. Tal como a linguagem ordinária, essa arte implica e combina estilos e usos (DE CERTEAU, 1994, p. 179).

A relação que Michel De Certeau estabelece entre caminhada e linguagem é a de uma via de mão dupla em que, tanto as estruturas narrativas têm valores de sintaxes espaciais, como os deslocamentos no espaço adquirem valores narrativos. Ao se deslocarem, os caminhantes moldam espaços, seguem por trajetos já traçados, mas também podem subvertê-los e reorganizá-los. Para De Certeau, o ato de caminhar é um espaço de enunciação com uma tríplice função, em que cada um dos termos encontra paralelo com a língua: a) é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre – assim como o locutor se apropria e assume a língua; b) é uma realização espacial do lugar – assim como o ato da palavra é uma realização sonora da língua; c) implica o estabelecimento de relações entre posições diferenciadas – assim como a língua coloca seus falantes em relação (DE CERTEAU, 1994, p. 177). As caminhadas dos pedestres tornam-se, conforme essa perspectiva, *retóricas ambulatórias* que moldam percursos como os falantes moldam frases.

Tais *retóricas* são formuladas, para De Certeau, a partir da articulação entre lugar e espaço. Lugar é aquilo que está estabelecido, já espaço é o lugar praticado, uma espécie de efeito da criatividade que desloca e transgredir o lugar prescrito. Nesse sentido, o espaço está para o lugar assim como a língua falada está para a gramática.

O efeito de estabelecer essa relação homóloga entre aqueles que falam e aqueles que caminham foi duplo para a produção de outras reflexões sobre caminhadas cotidianas. Por um lado, por meio desse paralelo, De Certeau garantiu que o ato ordinário de caminhar adquirisse “dignidade de atenção” para pesquisadores de diferentes áreas. Por outro, essa hipotética paridade entre a ação daqueles que falam e daqueles que caminham limitou as múltiplas possibilidades de compreensão desse tipo de deslocamento como detentor de características específicas, que estão além daquelas análogas a expedientes linguísticos.

Anterior à problematização sobre o ato de caminhar elaborada por De Certeau (1994), é a menção feita por Marcel Mauss, em seu texto “As Técnicas Corporais”, de 1934, à possibilidade de se incluir as caminhadas na agenda de certa etnologia comparativa. A alusão às caminhadas, no texto de Mauss, não tem como objetivo colocar esse tipo de deslocamento no centro de suas reflexões, mas elaborar uma classificação das diversas posturas e gestos que as pessoas de diferentes sociedades executam em suas atividades cotidianas, como agachar, sentar, dormir, pular, nadar, correr e caminhar. Sobre o ato da caminhada e a possibilidade de descrevê-lo como uma técnica corporal, Mauss escreveu:

O habitus do corpo em pé ao andar, respiração, ritmo da marcha, balanceio dos punhos, dos cotovelos, progressão do tronco adiante do corpo ou por avanço alternado dos dois lados do corpo. Pés para fora, pés para dentro. Extensão da perna. Zombam do “passo de ganso”. É o meio de o exército alemão obter o máximo de extensão da perna, dado que a maioria dos homens do norte, de pernas compridas, gosta de dar o passo mais longo possível. Na falta desses exercícios, um grande número de nós, na França, fica cambaio, em maior ou menor grau, do Joelho (MAUSS, 2003, p. 416).

A conclusão de Mauss, e que serve como razão para o autor afirmar a necessidade de inclusão das técnicas corporais nos programas de pesquisa antropológicos, foi que caminhar – assim como nadar, agachar, pular etc. –, embora dependa fundamentalmente de um aparelho biológico, não tem nada de natural (MAUSS, 2003, p. 420-421).

Interessa aqui, além de recuperar as referências às caminhadas elaboradas pelos cientistas sociais, o modo como Mauss sugere que cada uma dessas técnicas é aprendida e ensinada, isto é, como caminhar se relaciona com o conhecimento. Em diálogo com a ideia da preeminência das representações coletivas para a determinação dos comportamentos individuais elaboradas por Durkheim, Mauss reconhece as técnicas corporais como uma importante via de acesso para compreender as representações capazes de amalgamar as sociedades, torná-las coesas e equilibradas. Assim, as técnicas são, invariavelmente, para Mauss, o resultado de uma necessidade anterior a elas. A própria diferença entre as sociedades poderia ser avaliada conforme a adaptação dessas técnicas a tais necessidades. Nas palavras de Mauss:

Creio que a educação fundamental das técnicas que vimos consiste em fazer adaptar o corpo a seu uso [...]. Creio que essa noção de educação das raças que selecionam em vista de um rendimento determinado é um dos momentos fundamentais da própria história [...]. Ela separa entre si, ela classifica mesmo as sociedades ditas primitivas: conforme as reações são mais ou menos brutais, irrefletidas, inconscientes, ou, ao contrário, isoladas, precisas, comandadas por uma consciência clara (MAUSS, 2003, p. 421).

Os corpos, nessa perspectiva, são instrumentos centrais, mas apenas *executores* de ideias, noções e representações elaboradas *fora deles*, isto é, as técnicas corporais *passam* pelos corpos, mas não são forjadas *neles*. Em certo sentido, é a partir da ideia de *habitus* que Mauss sintetiza a maneira como essas técnicas se estabelecem e são ensinadas.

[...] [habitus não variam] simplesmente com os indivíduos e suas imitações, mas sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática e coletiva individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição (MAUSS, 2003, p. 404).

Caminhadas seriam, assim, para Mauss, um tipo de *habitus*. Mais tarde, Pierre Bourdieu ampliou a extensão desse conceito e levou até as últimas consequências a ideia do *habitus* como um sistema de disposições duradouras, princípios inconsciente e coletivamente inculcados para a geração e a estruturação de práticas e representações.

O *habitus* é a mediação universalizante que torna a prática de um agente individual, sem razão explícita ou propósito, significativamente “sensata” e “razoável” apesar de tudo. Essa parte das práticas que permanece obscura aos olhos de seus próprios produtores é o aspecto pelo qual elas são objetivamente ajustadas a outras práticas e às estruturas cujo princípio de produção é ele mesmo um produto (BOURDIEU, 2008, p. 72).

Assim, Bourdieu relaciona o *habitus* tanto com a dimensão corpórea dos sujeitos, como com as estruturas sociais estruturadas. Ao mesmo tempo em que o autor reconhece os limites da dicotomia entre representações sociais e práticas corporais – uma vez que relaciona dimensão corpórea e estrutura social –, mantém a partilha entre os processos de *inculcação* e de *incorporação* do *habitus*. Noutras palavras, é como se Bourdieu apresentasse e explorasse as relações entre *disposições corporais* e *representações coletivas*, afirmando-as como características de domínios existenciais distintos, um relativo à mente e outro ao corpo. Ao considerar a partilha entre corpo e mente na descrição e análise do *habitus*, Bourdieu alia-se com certa perspectiva cognitivista, segundo a qual a transmissão de conhecimento se dá de geração a geração por meio da aquisição – observável nos corpos e nas ideias dos sujeitos – de representações.

O que sugiro é considerar a proposta de Tim Ingold (INGOLD, 2010; INGOLD; VERGUNST, 2008) e reconhecer o conhecimento menos como uma ação cognitiva individual e mais como uma ação resultante de determinado modo de habitar o mundo. Trata-se de situar-me como partícipe de um esforço mais amplo, elaborado por uma série de autores (DESCOLA, 2005; INGOLD, 2000; 2011; LATOUR, 1994; 2002; VIVEIROS DE CASTRO, 2002), que têm colocado em xeque o primado da razão humana na produção de conhecimento sobre o mundo<sup>6</sup>.

Em diálogo com a Psicologia e a Ecologia, Ingold afasta-se de uma tradição cognitivista e se aproxima de uma filosofia fenomenológica. Como consequência epistemológica desse posicionamento teórico, o autor afirma que conhecer não é resultado da aquisição de representações, mas da disposição fenomênica dos sujeitos-no-mundo de modo a forjar determinadas habilidades a partir dessa relação. Portanto, produzir e transmitir conhecimentos é, antes de tudo, educar a atenção dos sujeitos a partir de suas relações com o mundo.

No que se refere às questões até aqui formuladas sobre o ato de caminhar, esse tipo de perspectiva fenomenológica apresenta duas consequências imediatas. Em primeiro lugar, contrapõe-se à derivação do fato de que toda a humanidade caminha, o

postulado evolucionista que afirma que caminhar é uma habilidade motriz inata. O que está em jogo nessa formulação é a ideia de que as representações e regras que geram um modo de caminhar específico podem ser transmitidas de uma mente a outra, somente porque há um dispositivo inato capaz de processar as informações culturais adquiridas ao longo da vida. Embora a “cultura” seja determinante para constituir o modo como os sujeitos caminham, por exemplo, ela é, segundo essa perspectiva, necessariamente posterior a aparatos “naturais” de processamento de informação. Esses dispositivos, que funcionam como *inputs*, são incontornáveis, transcendentais, insensíveis aos modos como os sujeitos estão implicados no mundo.

Ao questionar esses pressupostos cognitivistas, não estou negando a imprescindibilidade do organismo biológico para a realização da caminhada, mas, sim, problematizando a ideia de que a cultura é um “ingrediente extra” que se soma ao “humano natural”. Em poucas palavras, o objetivo é evitar a todo custo a assertiva segundo a qual os humanos nascem biológica ou psicologicamente idênticos para depois diferenciarem-se culturalmente. Nesse sentido, as habilidades adquiridas são resultados da situação do *ser-no-mundo*, implicando um processo de desenvolvimento *não* referenciado pelas segmentações características da modernidade, tais como a de um organismo exclusivamente biológico, um mundo externo aos sujeitos e uma cultura indiferente ao mundo e ao organismo.

Em segundo lugar, também problematiza alguns modelos analíticos que tratam a produção de um modo de experimentar o mundo como relativo a processos distintos daqueles que conformaram as representações sobre esse próprio mundo. Assim, questiona-se o fundamento do conceito de representação que supõe uma correspondência entre aquilo que está na mente dos sujeitos e aquilo que ocorre fora dela, para tomar como ação fundante da humanidade a própria relação dos sujeitos com o mundo.

Diante desse quadro de referências, pode-se afirmar que caminhar não é meramente a expressão de pensamentos e sensações que já foram transmitidos a partir de representações relacionadas a certos preceitos culturais, nem, tampouco, a caminhada é apenas uma maneira de pensar e sentir através da qual formas culturais são continuamente geradas. Opto por seguir a sugestão radical de Sheets-Johnstone (1999) e de Ingold e Vergunst (2008) e fazer essa última proposição ao reverso, argumentando que pensar e agir são modos de caminhar. Para tanto, é necessário ampliar a noção de caminhar e, por conseguinte, reconhecer que pensar e sentir não se reduzem ao estabelecimento da relação entre um estado subjetivo da mente e uma objetividade dada pelas condições materiais do mundo, mas, antes disso, conceber o ato de deslocar-se como fundamental para a experiência, interpretação e conhecimento do mundo. Isso é, o movimento aqui não é um acessório para o conhecimento já incorporado sobre o mundo, mas é ele mesmo o modo de conhecê-lo.

O corpo, nessa perspectiva, adquire significativa relevância na medida em que é objeto e sujeito do deslocamento. Constituído-se, portanto, não apenas como um mero receptáculo de estímulos e inscrições culturais já construídas, mas como o próprio solo existencial da cultura (CSORDAS, 2008). E, nesse sentido, se o corpo é fundamento da cultura, caminhar – ou pensar em movimento – é fundamento para ser um corpo.

O movimento não é uma ação utilitária cuja maior importância está em sair de um ponto e chegar a outro, mas é no próprio deslocamento que o conhecimento é cultivado, forjado junto com a própria paisagem em que se move. Nessa perspectiva, em que a situação do *sujeito-no-mundo* é central para compreender aquilo que ele conhece, a distinção entre um especialista e um neófito se dá menos pelo conteúdo das informações que cada um deles tem em suas mentes e mais pela maior sensibilidade fenomênica a elementos de seu entorno. No caso das caminhadas do Vale do Ivaí,



conforme procurarei mostrar a seguir, o *idioma* ambiental é colocado para funcionar, justamente, a partir da sensibilização dos caminhantes a determinados aspectos dos percursos por onde caminham.

### 3. A caminho da caminhada

Há uma espécie de circuito de reciprocidade envolvendo os municípios que promovem as caminhadas, concretizado na oferta de ônibus para transportar os caminhantes até o local dos eventos. A existência desse transporte é, para os técnicos da Emater, um fator importante para que em todas as atividades haja um número mínimo de participantes. A expectativa sobre quantos caminhantes irão a cada caminhada, que ganha contornos dramáticos para as famílias que assumem o risco da preparação do café da manhã e almoço, é atenuada com a divulgação do número de inscritos nos ônibus de cada prefeitura. Com a popularização das caminhadas no Vale do Ivaí, contudo, esses ônibus deixaram de ser os únicos a levar caminhantes para o evento. Lembro-me da surpresa que os organizadores de uma caminhada tiveram quando quatro vans lotadas com pessoas de idade bastante avançada chegaram de uma das comunidades mais afastadas de Ivaiporã. Nas caminhadas que acompanhei, cada vez que um ônibus “não esperado” chegava e era anunciado pelo locutor do evento, responsável por conduzir a cerimônia de abertura, a notícia repercutia com entusiasmo na cozinha em que as comidas eram preparadas.

Certamente, a possibilidade de ter um transporte cedido pela prefeitura para participar das caminhadas contribui para o sucesso desse evento naquela região. Contudo, e isso é o que interessa nesse momento, a centralidade da oferta de transporte vai além de uma solução economicamente viável para os caminhantes. Isso porque, o modo como se chega até o local da caminhada é, talvez, o elemento mais significativo para se compreender aquilo que, na maior parte das vezes, determina a maior ou menor adesão das pessoas nesse tipo de atividade, a formação de um grupo. Percorrer esse caminho inverso da chegada das pessoas nas caminhadas até suas cidades de origem ajuda a colocar em evidência as redes de interação acionadas para a divulgação desses eventos e que tornam possíveis que, em municípios rurais, com pouco mais de três mil habitantes, haja mil pessoas dispostas a caminhar em meio a lavouras de agricultura familiar.

Ainda que muitos caminhantes possam chegar até as caminhadas por redes de relações pessoais, a própria estrutura de organização do evento termina criando dispositivos que os incluem em certas coletividades. Assim que os ônibus das cidades chegam, por exemplo, os caminhantes são anunciados e identificados por suas cidades de origem. É a partir desses dispositivos de identificação, estendido a todos seus participantes, que a própria caminhada é organizada em suas etapas que incluem a recepção das pessoas, a previsão da quantidade de alimento, o porte das trilhas etc. Assim, dificilmente há, pela classificação da Emater e pela dos próprios caminhantes, sujeitos não identificados com algum grupo. “Aqueles que não se identificam com ninguém”, afirmava uma caminhante para mim, “provavelmente não voltará a caminhar”.

De modo geral, a participação massiva das pessoas nas caminhadas na natureza é assegurada por três tipos de agrupamentos. Um primeiro tipo é formado por caminhantes que se inscrevem para ir com os ônibus cedidos pelos municípios. Embora haja certa rotatividade entre os inscritos nesse transporte, a assiduidade de algumas pessoas termina contribuindo para a constituição de um grupo que, inclusive, passa a se reunir fora dos períodos das caminhadas. Há um corte de gênero bastante significativo nesses grupos. Além da presença de mulheres ser muito maior que a de homens, na maior parte das vezes, a postura masculina com relação à caminhada é jocosa e sintetizada numa expressão que muito se repete nas conversas entre os homens: “eu

tive que vir para acompanhar a mulher, porque isso aqui é um programa de índio”. Esse tipo de verbalização é apenas uma das expressões dessa postura *blasé* encarnada pelos homens com relação às caminhadas. Enquanto as mulheres investem na sua preparação, equipando-se com roupas e calçados mais adequados para essas atividades, a maior parte dos homens, mesmo participando de muitas caminhadas ao ano, vão trajando camisa, calça social e sapato. Ou ainda, essa posição se expressa quando as mulheres ocupam seus lugares assim que o ônibus da prefeitura chega ao local combinado e os homens relutam até o último momento para entrar no veículo, reiterando o tempo todo que não gostariam de estar ali. Na maior parte das vezes são as mulheres quem fazem os convites para que integrantes de suas redes de parentesco e amizade participem dos eventos. Um dos espaços fundamentais onde ocorre a promoção das caminhadas por meio dessas redes particulares são as igrejas. Em inúmeros grupos de oração, por exemplo, circulam notícias, listas de inscrição e fotografias associadas às caminhadas. Maysa, uma moradora de Manoel Ribas, que já participou de mais de quinze caminhadas, conheceu o projeto na Igreja e lá formou um pequeno grupo que todo o domingo se reúne para participar dos circuitos da região:

A primeira caminhada eu fiquei sabendo na Igreja, por uma amiga. Na hora que eu ouvi falar da caminhada eu disse: “eu vou”. Quando eu ouvi falar a primeira vez, achei que vinham poucas pessoas, mas aí, quando fui, fiquei muito surpresa. Quando você vem na primeira e vê aquele monte de gente caminhando, você fica com vontade de andar mesmo. Sabe, aquelas pessoas te inspiram a caminhar na natureza, a conhecer mais coisas. A segunda que fiz foi em Lunardelli e fiquei sabendo porque trabalhava na Emater e o pessoal me contava o que ia acontecer. Aí fui para igreja e avisei todo mundo. [Maysa, Manoel Ribas, março de 2011].

Nesses mesmos ônibus, pequenos grupos de caminhada recentemente criados também se reúnem. São, sobretudo, grupos que se constituem a partir de redes de trabalho e que, normalmente, depois da participação em alguns eventos, já passam a organizar suas saídas com transportes próprios. Esse segundo tipo de grupo muito contribui para o elevado número de participantes nessas atividades e são valorizados pelos organizadores, crescendo muito rapidamente. Os trabalhadores dos Correios de Ivaiporã, por exemplo, começaram com um grupo de quatro pessoas e, nas últimas caminhadas do ano de 2011, já reuniam mais de dez. Outro exemplo de coletivo foi o que se organizou na cidade de Jardim Alegre, a partir de um grupo de amigas:

Eu conheci as caminhadas através de uma amiga da cidade vizinha, de Ivaiporã, onde tenho meu comércio. Ela já tinha participado e gostado, aí convidou todo um grupo que é da Associação Comercial da cidade. Nessa primeira que eu fui já convidei gente da minha cidade para caminhar. A gente estava meio perdida, tínhamos medo de convidar mais pessoas e decepcionar, acontecer algum problema, até na parte física, de saúde. Mas aí a gente viu que não é bem assim, que a caminhada é muito bem organizada e tem apoio da saúde, bombeiro e tal. Aí a gente viu que é bom, que dá para aguentar e fomos convidando mais e mais. Na segunda caminhada já decidimos: vamos formar um grupo. Aí formamos nosso grupinho convidando mais amigas e chegamos em seis amigas, somente seis, mas essas seis são fiéis e estamos bem organizadas. Mas agora cresceu, dessas seis estamos em dezesseis e na próxima, se Deus quiser, estaremos entre cinquenta ou sessenta. Essa é nossa programação. Já temos camisas, bonés e site. Virou um vício. [Rosangela, Manoel Ribas, março de 2011].

Anita, uma senhora de 70 anos, formou um grupo de caminhantes da terceira idade que, de tão numeroso, passou a ter que fretar seu próprio ônibus para participar das caminhadas:

Eu faço tapete para a Casa do Artesão. Aí, um dia fui entregar uns tapetes e estava lá nosso prefeito Cyro com alguns vereadores fazendo uma reunião sobre a caminhada. Eu fiquei ouvindo e me interessei. Aí fui falar com o Cyro se o pessoal do Sítio Jacutinga podia participar também. Ele disse que sim e o ônibus foi buscar as vinte pessoas que eu arrumei de um dia para o outro. A coisa começou a se espalhar e o Cyro não conseguiu mais mandar o ônibus da prefeitura porque nosso grupo ficou muito grande. Agora a gente mesmo aluga um ônibus e vem todo mundo cantando para as caminhadas. É uma animação só. Eu acho legal, viu. Eu não caminhava, comecei depois dessas [caminhadas] na natureza. Eu sempre trabalhei muito na roça, na verdade fazia muito mais caminhadas do que estou fazendo agora, né. Mas é diferente, agora me sinto melhor. Tenho disposição, alegria, aquela vontade de viver, de lutar. Antes terminava um serviço e já ia para outro, nem dava tempo de perceber nada. [Anita, Ivaiporã, setembro de 2010].

O último tipo de grupo, ao contrário dos anteriormente descritos, refere-se àqueles que não se constituíram a partir da política das Caminhadas na Natureza, mas que já existiam antes dela e terminaram incluindo esses eventos em seus calendários de atividades. Tratam-se de grupos que, independentemente de iniciativas governamentais, encontram-se regularmente para caminhar. Seus roteiros de caminhada são diversos, mas, normalmente, são realizados durante um fim de semana em estradas rurais. Como já apontaram algumas pesquisas (CARNEIRO, 2007; STEIL; CARNEIRO, 2008; STEIL; CARNEIRO, 2011; STEIL; TONIOL, 2010; TONIOL, 2011), tanto a expansão do número de grupos como também dos roteiros disponíveis no Brasil para esse tipo de atividade estão relacionados com a popularização do Caminho de Santiago de Compostela. A expansão dessa peregrinação, fomentada, em grande medida, pelas inúmeras Associações dos Amigos do Caminho de Santiago, contribuiu não apenas para tornar a prática de caminhadas popular entre certos setores da sociedade, como também para difundir um tipo de engajamento místico-ecológico nos percursos desses roteiros. Ao contrário dos outros dois grupos descritos, esses caminhantes normalmente têm uma trajetória pessoal mais relacionada com espaços urbanos, sendo, a maior parte deles, de classe média e com altos níveis de escolaridade. Entre os inúmeros grupos desse tipo que participam das Caminhadas na Natureza, destaco o relato de integrantes de dois deles, o *Londrina a pé* e o *Curitigrinos*.

A gente faz estradas rurais todo domingo. Sempre no entorno de Londrina. Faz uma rota, tem um ponto de encontro, faz uma chamada no blog, tem uma lista de e-mail, e aí o pessoal se reúne. Uma vez por mês aproveitamos as Caminhadas na Natureza e viemos caminhar. Tem muita gente no nosso grupo que já fez Santiago ou que está treinando para ir, então o pessoal entra na coisa de cabeça. [João, integrante do grupo *Londrina a pé*, Lunardelli, julho de 2011].

Eu conheci o grupo porque meu irmão, que trabalha em Porto Alegre, me mandou entrar num site de caminhadas. Ele estava fazendo terapia e a terapeuta mandou ele ir atrás disso. Aí eu me convenci de ir. Cheguei lá de *All Star*, que não é tênis de caminhada, peguei uma mochila da minha filha e fui. Isso foi em maio de 2008, foi a primeira caminhada que fui. A segunda foi em junho, já conheci um pessoal muito legal e fiz amizade. Agora eu não consigo mais viver sem caminhar, fico estressada, começo a me sentir mal. Caminhar é a melhor terapia para mim. [Suely, integrante do *Curitigrinos*, Curitiba, abril de 2011].

A presença massiva de caminhantes relacionados com esse último tipo de grupo descrito contribuiu para que nas caminhadas do Vale do Ivaí também se encontrasse determinadas concepções de corpo, espiritualidade e saúde, que, na

literatura antropológica (AMARAL, 2000; CAROZZI, 1999; MAGNANI, 1999), têm sido descritas como características das classes médias urbanas. Assim, nas caminhadas que acompanhei no interior do Paraná, não me deparei com a multidão de corpos penitentes em busca da redenção, exaustivamente descrita pelos estudos de comunidade feitos pelos antropólogos (AZEVEDO, 1955; QUEIROZ, 1965), mas encontrei corpos que, ao se deslocar na natureza, seguiam em direção ao aperfeiçoamento pessoal e do *cultivo de si*<sup>7</sup>. Se, nas peregrinações tradicionais, a busca da saúde física é uma dádiva divina, que pode ser concedida dentro de um regime de reciprocidade entre seres humanos e divinos, nas caminhadas na natureza, alcançar o bem-estar físico e a saúde é uma responsabilidade dos sujeitos humanos que buscam se integrar num todo harmonioso relacionado a espaços da natureza<sup>8</sup>.

### 3.1 A produção dos corpos dos caminhantes

Enquanto caminha na natureza, o caminhante não cultiva apenas seu bem estar físico, mas seu corpo se constitui como um lugar em que se estabelece um fluxo constante entre as coisas relativas à alma, à mente e ao próprio corpo. Parece haver, no ideal de saúde desses sujeitos, uma espécie de interdependência entre as dimensões físicas e psíquicas, e o contato com a natureza torna-se, nesse contexto, um evento privilegiado na busca por esse ideal. Ao compreender as caminhadas como uma espécie de terapia capaz de dar conta dessa concepção holística de corpo, o caminhante traz à tona o ambiente em que caminha – a natureza – como elemento chave que compõe essa noção de bem-estar (STEIL; TONIOL, 2011).

Essa busca pelo aperfeiçoamento de si, a partir de certo tipo de engajamento na natureza, coloca em evidência uma noção ampla de saúde que extrapola os próprios limites corpóreos dos sujeitos e inclui o cuidado com esses espaços em que se caminha como condição para a experiência de bem-estar. Ou seja, não há possibilidade dos indivíduos alcançarem o ideal de saúde física ou mental em descontinuidade com a saúde e o cuidado do ambiente. Como sugeriu Bateson (2000), em sua reflexão sobre os limites do corpo de um cego guiado por seu bastão, o corpo não está circunscrito à pele.

Nesse contexto de transformação dos ideais de bem-estar, a prática das caminhadas na natureza torna-se um evento privilegiado para se observar como essa corporeidade, que extrapola os limites do corpo, tem atribuído a certa natureza um lugar central. Dessa maneira, embora tenha se tornado uma espécie de lugar comum das prescrições médicas para uma vida saudável sugerir a prática de caminhadas, as elaborações sobre corpo e saúde feitas pelos caminhantes parecem operar em um registro distinto daquele que vigora nas práticas medicinais institucionalizadas no ocidente moderno.

A minha cachaça é a caminhada! Esses dias eu fui à médica fazer check-up e a médica perguntou se eu estava fazendo atividade física e eu comentei das caminhadas. Aí ela disse: “ah! Mas por que você não divide esses quinze quilômetros que você faz no final de semana, em dois [quilômetros] por dia [ao longo da semana]?”. Aí eu falei: “mas onde eu vou caminhar num lugar bonito meus dois quilômetros por dia?” Aí ela falou: “você vai no parque Barigui”. Aí eu falei: “ah! Mas aí eu vou ver todos os dias a mesma paisagem?” Aí ela falou: “não importa a paisagem que você vai ver, o que importa é seu corpo. Importa você fazer o exercício diário!” Aí eu falei: “não, exercício por obrigação eu já faço. Ginástica na academia, essa é minha obrigação e eu não tenho nenhum prazer nisso. Mas o meu prazer é caminhar no fim de semana, então eu vou fazer dez, quinze, vinte quilômetros”. Quer dizer, ela acha um absurdo e diz: “Fazer 15 [quilômetros] no final de semana não é bom, tem que dividir isso durante a semana”. Só que daí você vai fazer isso

por obrigação, não vai fazer bem para o meu espírito! Caminhada não tem nada a ver com cuidado com o corpo físico, para emagrecer. Faz bem pra cabeça. Se faz bem para o corpo não sei, mas pra cabeça e para o espírito faz! [Elaine, Curitiba, abril de 2011].

É significativo que, embora assuntos relacionados ao bem-estar sejam bastante comuns entre os caminhantes, o vocabulário acionado para relatar os benefícios da caminhada é menos aquele que remete à saúde física *do corpo que se movimenta*, e mais aquele associado à *psiquê da mente que “desestressa”*.

E a natureza ajuda, o ar puro, equilíbrio e essa coisa de você estar se sentindo fazendo parte. E na vida urbana a gente fica muito desconectado desse equilíbrio todo, que só o contato com a natureza proporciona. Para além da dimensão física, tem a espiritual e emocional, com certeza, e mental que você desestressa [Maria, Lunardelli, abril de 2011].

De certo modo, problematizar a ideia de corpo como dual e limitado à pele também coloca em xeque perspectivas que o concebem como um substrato biológico, pronto para ser “usado” por um sujeito cultural. O que sugiro, é tomar o corpo como algo em estado de contínuo *vir a ser*, produzido na medida em que é posto em relação e torna-se, assim, sensível a aspectos, fenômenos e elementos antes imperceptíveis. No caso das caminhadas que acompanhei, o que está em jogo é relacionar o próprio deslocamento dos caminhantes à afetação e à produção de um corpo sensível a um tipo de natureza, ou melhor, a certo *idioma ambiental*.

É com a produção desse corpo que o ideal de saúde do caminhante se transforma e passa a ser sensível à natureza em que se caminha. Nessa perspectiva, o deslocamento que se realiza com a caminhada não é simplesmente um modo de passar de um lugar a outro, mas um tipo de *inter-ação* do corpo com o mundo e do mundo com o corpo. Rosângela, por exemplo, ao tentar descrever a situação de seu corpo na experiência da caminhada, afirma:

Quando eu volto da caminhada eu sinto muita paz, é maravilhoso. É totalmente diferente de caminhar na esteira. A esteira parece um medicamento que você está tomando. Agora, isso aqui não é medicamento, é saudável, é puro, é natural. Aqui, você se sente você mesma, na esteira não. Eu acho que é como se você estivesse tomando um remédio. Faço academia, mas não vejo a hora de estar aqui fazendo isso. Essa é a academia verdadeira do ser humano [Rosângela, Manoel Ribas, março de 2011].

A comparação a partir da qual Rosângela descreveu a caminhada aponta para aspectos centrais para se compreender esse corpo do caminhante. Do ponto de vista da motricidade humana, caminhar na esteira e na natureza não faz diferença. Para responder a minha questão sobre a experiência corpórea ao caminhar, portanto, Rosângela contrastou dois contextos em que o corpo executa, em algum sentido, movimentos aparentemente idênticos. Contudo, como ela mesma afirmou noutro momento, “o corpo”, em cada um desses contextos, “responde diferente”. A “resposta” do corpo a que se refere Rosângela sugere que a radicalidade da diferença entre os mesmos movimentos não está naquele corpo *restrito à pele*, mas no *corpo estendido ao ambiente*. Do mesmo modo que Rosângela reconhece um tipo de *inter-ação* entre o corpo e o ambiente como artificial – e, por isso, medicamentosa –, há, para a caminhante, uma natureza autêntica em que *seu* corpo encontra equilíbrio. Nesse sentido, vale salientar que a produção de *respostas corporais* distintas não se restringe a ambientes com diferenças amplamente reconhecidas, como aquele em que está a esteira e aquele das estradas rurais, mas também ocorre em paisagens com topografias, cores e texturas com diferenças mais singelas.

Diante da mesma questão que fiz à Rosângela – como você descreveria as sensações e experiências de seu corpo na caminhada? –, João respondeu:

Tudo é muito mais mental do que físico. A cabeça não consegue pensar em outra coisa, você está no agora, você vive o presente que é o que a gente está vivendo aqui enquanto caminha. E isso é uma coisa que a gente não sabe fazer. A gente vive com o corpo aqui e com a cabeça lá, mas quando você está caminhando isso é impossível. Tem outra coisa que é bacana, que é a velocidade que a gente anda. A gente caminha muito lentamente e aí você tem muito mais percepção das coisas. Enquanto o dia a dia na correria, no carro você não percebe o que está ao seu lado, aqui você exercita outro olhar. Você desacelera. E quando chega dá um prazer, um relaxamento. O corpo acorda. É engraçado que, como tira o stress, mesmo as pernas cansadas, a disposição de fazer outras coisas ou de descansar existe porque a cabeça está boa. Na verdade, o objetivo é a contemplação da natureza e isso você só consegue fazer na velocidade da caminhada [João, Lunardelli, julho de 2011].

É a velocidade do deslocamento que torna a relação do sujeito com o mundo em que ele caminha diferente daquela que estabelece em seu cotidiano. Não há um mundo pronto para ser observado e um corpo projetado para observar, mas há uma relação entre a velocidade desse corpo que pode observar e o mundo que, naquela velocidade, pode ser observado<sup>10</sup>. O bem-estar a que o João se refere escancara esse fluxo ininterrupto entre as segmentações modernas do corpo e da mente, do sujeito e do mundo.

No que se refere à perspectiva teórico-metodológica, esse tipo de problematização implica aproximar-se da concepção de um corpo fenomênico, não dicotomizado. Essa proposta vai ao encontro de um esforço por produzir uma antropologia da experiência em que o corpo não é concebido como “um objeto que é bom para pensar, mas como um sujeito é necessário para ser” (CSORDAS, 2008, p. 367). Com isso, passa a ser essencial, para descrever a corporeidade dos sujeitos, seus modos somáticos de atenção, ou seja, a maneira como determinada situação no mundo implica um modo específico de estar atento “a” e “com” o corpo. “Estar atento 'a' diz respeito à atenção dada ao estado do corpo no mundo, um modo de estar atento ao meio intersubjetivo que ocasiona aquela sensação. Estar atento 'com' refere-se ao modo de engajar os sentidos numa determinada atenção” (CSORDAS, 2008, p. 372).

A produção de um corpo caminhante não ocorre somente nas caminhadas. Esses corpos são forjados gradualmente, conforme os sujeitos engajam-se na prática de caminhar e incorporam determinados sentidos éticos e estéticos. O engajamento informa o caminhante sobre quais as habilidades técnicas, os gestos e o saber-fazer são valorizados nesses eventos. É necessário compreender, portanto, que o universo das caminhadas remodela os corpos, convertendo-se em um marcador temporal na vida desses sujeitos, transformando sua rotina e, possivelmente, alterando suas categorias de apreciação.

Tornar-se caminhante é apropriar-se de uma determinada corporeidade, de modos específicos de estar atento “a” e “com” o corpo sem que, no entanto, haja distinção entre aquilo que é domínio do físico e do mental, da cultura e da natureza. No corpo tudo isso está conjugado e a corporeidade refere-se, justamente, a tais arranjos.

Nessa corporeidade dos caminhantes, como já afirmei noutros trabalhos (TONIOL; STEIL, 2010; TONIOL, 2011), a dor física é uma experiência somática central. No horizonte de uma visão cartesiana, em que prevalece uma preeminência da mente sobre um corpo, a exaustão e a dor seriam descritores de uma ordem cultural que se inscreve no corpo. Ao passo que, quando analisados sob o paradigma da corporeidade, tanto a dor quanto a exaustão tornam-se centrais. Essa experiência, na medida em que

é compartilhada por uma coletividade, conforma uma situação de intercorporeidade em que os caminhantes se veem engajados existencialmente.

A descrição da experiência da caminhada para muitos dos caminhantes tem como fio condutor os percalços, as dificuldades enfrentadas nas distâncias percorridas, os terrenos íngremes, as intempéries. A exaustão física é posta em relevo e essa valorização das dificuldades contribui para tornar mais “autêntica” a experiência entre os sujeitos. Corporalmente, essa sensação é narrada por meio de modalidades sensoriais indeterminadas que oscilam entre a expressão da sensação de um “corpo esgotado” e de uma “mente revitalizada”. A elaboração de descrições ambivalentes que ora tendem para expressões relativas ao corpo e ora para expressões relativas à mente/alma remete a um fluxo contínuo entre modalidades sensoriais capazes de estarem presentes nessas duas alçadas. Isto é, ao proporcionar descrições somáticas que se configuram a partir de um arranjo híbrido que conecta sensações físicas e experiências da ordem da mente/alma, as caminhadas tornam-se um contexto privilegiado para a análise que tem como uma de suas premissas básicas o colapso entre essas esferas.

A exaustão corporal parece ser somatizada pelos caminhantes como índice de produção de bem-estar, como afirmou a Maria: “Depois das caminhadas a gente fica com muitas dores no corpo, mas elas passam. Na verdade, a dor da caminhada entra no registro do prazer porque com ela a gente sabe que o corpo está desestressando”.

Como assinalei anteriormente, há uma gama bastante diversa de caminhantes que participam das atividades que acompanhei no Vale do Ivaí. Parte deles, especialmente aqueles que estão engajados nos grupos de caminhada anteriores à existência das Caminhadas na Natureza, está mais relacionada com alguns desses ideais de corpo e saúde. No entanto, pode-se afirmar que a experiência somática da dor como indicador de saúde é um dos elementos capazes de atravessar significativamente os distintos perfis dos caminhantes e se constituir como um elemento central da produção de uma corporeidade específica dos sujeitos que caminham.

### 3.2 Na caminhada

No dia da caminhada, desde as seis horas da manhã, ônibus de todas as cidades do Vale do Ivaí começam o transporte dos caminhantes até o município em que ocorrerá o evento. À cidade que sedia a caminhada cabe a organização de saídas de vans e ônibus da praça central até o ponto de partida da atividade. Enquanto isso, nas propriedades cortadas pelos circuitos, as famílias se dividem entre aquelas que cuidarão das atividades cotidianas da lida no campo – que não podem ser determinadas por outro tempo que não seja o da própria terra e, assim, é preciso plantar, colher, roçar e ordenhar as vacas – e aquelas que se encarregarão dos últimos preparativos para a caminhada, suspendendo a energia nas cercas, colocando placas ou arrumando mesas para vender produtos caseiros. Na comunidade que receberá os caminhantes para o café da manhã ou almoço, a cozinha começa a funcionar desde as 5 horas da manhã. Nesses locais, as notícias das confirmações dos ônibus que saem dos municípios vizinhos ajudam a calcular quantos litros de leite preparar, quantas jarras de suco, quantos pratos recolher de todas as casas em volta. No escritório da Emater, os técnicos conferem o número de carteirinhas que serão distribuídas, as funções que cada um desempenhará ao longo do evento e controlam a saída dos ônibus.

Pouco depois das 7 horas da manhã, todos começam a convergir para uma igreja, casa grande de alguma fazenda ou escola rural de onde a caminhada terá seu início. Assim que os ônibus vão chegando, o locutor vai narrando, do alto de um palanque improvisado, em cima de uma carroça ou de uma pequena elevação no relevo do lugar, o município de origem daqueles caminhantes. As mulheres da comunidade começam a vender, nas barracas montadas pela Emater, seus artesanatos, doces

caseiros e geleias. Uma fila se forma e as fichas para o almoço ao final da caminhada e para o café da manhã – que já está servido em algum galpão próximo – são vendidas a dez e quatro reais, respectivamente. Em uma tenda maior, os voluntários fazem as inscrições dos caminhantes que vão chegando e preenchendo um cadastro com seus nomes, idades, e-mails e cidades de origem. Assim como os ônibus com os caminhantes chegam, os veículos oficiais como ambulâncias, carro de bombeiros e de polícia também se aproximam com seus respectivos funcionários que, mesmo no domingo, trabalham em regime de banco de horas. Também chegam as autoridades locais e outras pessoas públicas, prefeitos, vereadores, assessores, padres.

Além dos ônibus esperados pela organização local, outros caminhantes chegam com seus carros, ou ainda com seus grupos divididos em vans. Algumas escolas também se organizam e levam seus funcionários e estudantes para o evento. A diversidade de expectativas, interesses e motivações para estar ali é visível na disposição dos sujeitos, nas suas roupas, em seus deslocamentos nessa pequena feira que se forma com as barracas de produtos rurais, na tenda de inscrições e na mesa do café da manhã. Alguns caminhantes chegam com bastões de carbono, botas de *trekking*, mochilas de hidratação, outros vestem camisas de seus grupos de caminhada, de suas escolas, de seus grupos de oração. Há aqueles que vão “com roupa de missa”, como me comentou certa vez um pároco local. Entre os mais jovens também se encontram alguns com roupas e calçados nada apropriados para caminhar, ou mesmo com pequenos rádios ligados no último volume, tocando com algum hip-hop ou funk.

Os ônibus demoram até parar de chegar e alguns ficam apenas o tempo de todos os passageiros descerem e já voltam para o centro da cidade para buscar mais caminhantes. Assim que tomam o café da manhã, os caminhantes aguardam o início da atividade fazendo registros fotográficos em grupo, nas tendas ou da enorme fila de ônibus que vai se acumulando. No palanque, o locutor, que anima o evento com músicas e dizeres de boas-vindas, começa a convocar a todos para receberem as primeiras instruções. Com o roteiro do cerimonial em mãos, chama as autoridades a subirem no palanque improvisado. Após uma fala de boas-vindas feita pelo político ocupante do cargo hierarquicamente mais elevado presente, seguida de outras de políticos de menor visibilidade, algum dos técnicos da Emater orienta os caminhantes com relação às placas espalhadas pelo circuito, os postos de carimbo e os pontos de apoio onde ficam as ambulâncias e enfermeiros do município. Em seguida, um profissional de educação física orienta um aquecimento coletivo. A imprensa local aproveita o momento para tirar uma fotografia que já se tornou rotina nas notícias sobre as caminhadas em que a multidão com setecentas ou oitocentas pessoas estica braços e pernas seguindo as instruções do professor à frente de todos. O aquecimento é seguido de sorrisos, exclamação de dor e comentários sobre a “situação enferrujada” do próprio corpo dos sujeitos que estão prestes a iniciar uma caminhada que tem entre 12 e 15 quilômetros. Ainda antes do início do percurso, já sob os protestos, sobretudo, dos caminhantes engajados em algum grupo, um padre inicia uma oração, pede atenção às placas que todos encontrarão no caminho e termina com uma benção “aos caminhantes e à natureza”.

O ritmo das primeiras passadas é lento. É possível ver a multidão de pessoas ocupando todo o espaço da estrada por onde passa o circuito. Os estudantes que levam os pequenos rádios seguem com eles ligados, outros ainda fazem coro cantando músicas de bandas como Legião Urbana que são tocadas por adolescentes com violões e pandeiros nas mãos. Os grupos de caminhada, inicialmente, andam em bloco e podem ser identificados pela concentração de camisetas com cores iguais entre tantos estilos de roupas variados. Eu, nesses primeiros metros de caminhada, sempre termino admirado com o número de pessoas dispostas a caminhar e com a primeira placa colocada logo nos 500 metros iniciais do percurso: “Os 10 Mandamentos da Natureza”.<sup>11</sup>



Embora os caminhantes pareçam um único bloco que caminhará o tempo todo naquela formação, sem deixar espaço sequer para ultrapassagens, conforme os primeiros quilômetros vão ficando para trás, as pessoas vão se dispersando. Cada um com sua passada, com seu ritmo, com seu corpo, encontra e desencontra os conhecidos, se aproxima e se afasta de pequenos grupos. Em certos momentos é possível caminhar sem avistar ninguém na frente ou atrás, tendo a impressão de estar em uma caminhada solitária. Eu também estou submetido ao meu próprio corpo e, enquanto caminho, posso conversar e fazer pequenas entrevistas com meus interlocutores somente enquanto compartilho com eles um mesmo ritmo de caminhada. As conversas entre os caminhantes não se finalizam quando acaba o assunto, mas quando os corpos deixam de compartilhar a mesma passada. Nesses momentos em que os desencontros corporais acontecem e, diante do descompasso, as pessoas se despedem, muitos terminam com máximas que sintetizam uma espécie de “ensinamento das caminhadas”, como “o caminho é feito ao caminhar”, “a vida deve ser como uma caminhada, sempre para frente”, “a caminhada é como a vida, a gente se encontra e desencontra com pessoas queridas”, “bom caminho para você”.

Os trajetos por onde se caminha não chegam a ser monótonos, mas a diversidade das paisagens de um circuito tampouco surpreende. A transição de um tipo de ambiência a outra é sutil, a passagem da lavoura para a estrada rural, ou da estrada descampada para outra cercada por grandes árvores é anunciada na própria paisagem. A *natureza* da caminhada na *natureza* nem sempre é a que os caminhantes esperavam antes do início do trajeto. Mas nem por isso as pessoas deixam de caminhar ou, ainda, de buscar e encontrar a *natureza* na caminhada mesmo que ela seja diferente da que imaginavam antes de caminhar. Em certo sentido, é a própria *natureza* da caminhada, que põe o corpo para se deslocar de uma maneira específica, que permite aos caminhantes reconhecerem aquela atividade como uma caminhada *na natureza*.

Deslocar-se caminhando é tornada uma ação de produção de conhecimento na medida em que é no deslocamento que esses sujeitos estabelecem relação com o mundo por onde caminham. Ao caminhar, os caminhantes encontram a natureza das lavouras de milho, trigo e aveia. É nessa paisagem agrícola que o idioma ambiental é colocado para funcionar. Mas, ao mesmo tempo, as paisagens e elementos mais legitimados por grupos de defesa das questões ambientais estão, em sua maior parte, ausentes nas paisagens agrícolas do Vale do Ivaí. Por isso, o que estou sugerindo, a partir da experiência das caminhadas, é que a expansão do idioma ambiental não opera a partir de elaborações cognitivas fundadas em ideais de *natureza*, mas em modos de engajamento em paisagens que, algumas vezes, não são, *a priori*, *naturais*. Tomar o próprio deslocamento como um ato de conhecimento permite que se escape da associação entre a expansão desse idioma ambiental e tomadas de consciência ecológica puramente cognitivas. Assim, pode-se pensar que a dessubstancialização de certo ideal de natureza, que não consideraria as paisagens do Vale do Ivaí como *naturais*, não é incompatível com o processo de ambientalização social. O que essa perspectiva implica é a necessidade de deixarmos de nos referir à expansão do idioma ambiental como uma ação do *cogito*, para nos referirmos a ela como a produção de corporeidades ecológicas, fundadas em experiências distintas de natureza.

Após a dispersão da multidão, seis ou sete quilômetros depois do início da caminhada, começam a aparecer as barracas dos agricultores que comercializam algum produto caseiro. As pequenas aglomerações que se formam em volta dessas mesas e nos postos de controle espalhados ao longo do trajeto lembram a todos de que não se está caminhando sozinho. No caminho, muitas placas de sinalização e informativas chamam atenção dos caminhantes. Em algumas dessas placas estão gravadas frases de incentivo, noutras o número de quilômetros já percorridos. Há ainda aquelas com os dez mandamentos da natureza ou com informações sobre determinada árvore ou com o nome de um equipamento comum no meio rural exposto para os caminhantes verem.

Esses “lembretes” dispostos nos circuitos são um aspecto importante para que os organizadores das caminhadas produzam, a cada quilômetro, uma espécie de identidade local. Na caminhada de Jardim Alegre, por exemplo, a produção de café da região foi apresentada por meio de máquinas para moer e torrar os grãos espalhadas pelo caminho. É também a partir dessas placas, que demandam a atenção dos caminhantes, que é possível transformar um tronco de árvore paralelo à estrada em um objeto de apreciação. Na caminhada de Manoel Ribas, um dos pontos altos do circuito era a propriedade de Roberto, onde os caminhantes deveriam atravessar um rio por uma ponte, a pé ou em cima de uma carroça acoplada em um trator. Essa última opção havia sido ideia do próprio Roberto e fazia bastante sucesso entre os caminhantes. Diferentemente dos anos anteriores, após muita insistência das técnicas da Emater, naquela ocasião, a travessia com trator seria cobrada pelo produtor, um real por pessoa.

Eu fiquei um pouco desconfiado se o povo ia querer pagar, mas depois que a Mariana [técnica da Emater] falou fiquei mais confiante, até porque a gente acaba gastando o diesel do trator mesmo. Mas aí tinha um tronco perto do rio que a prefeitura tinha tirado para construir a ponte. A gente sabia que ia acumular muita gente para atravessar o rio, então começamos a colocar nome nas coisas que estavam por ali. Eu arrastei uns arados, uns tratores e também colocamos uma placa no tronco. Foi o maior sucesso, o povo fazia fila para bater foto.

Na placa colocada no tronco da árvore estava: “Madeira Cabriúna. Há 20 anos mergulhada no rio Jacutinga”. Os caminhantes não só tiravam fotos, como faziam questão de tocar na madeira. Questionada sobre o toque, uma caminhante afirmou: “Pensa só, aquela madeira estava afundada há 20 anos. Todo esse tempo mergulhada na água. Imagina a energia que aquilo tem, fico até arrepiada de pensar nisso”.

As placas são apenas um dos artificios nas caminhadas que contribuem para que os corpos dos caminhantes tornem-se sensíveis a certas paisagens e aspectos do mundo em que caminham. Nesse sentido, se há algum tipo de educação ambiental nas Caminhadas na Natureza, essa é menos de um tipo que transmite uma representação sobre o mundo e mais uma educação para a afetação. Isto é, com as caminhadas, os sujeitos tornam-se atentos e sensíveis a elementos que, anteriormente, não eram capazes de mobilizá-los. A elaboração de descrições que situem o ato de aprender na dimensão da experiência tenta tornar a aprendizagem dos corpos mais dinâmica que aquela formulada por perspectivas que afirmam a existência de um sujeito, de um mundo de objetos e de uma intermediação entre esses dois domínios feita pela linguagem. As inúmeras mediações durante uma caminhada – muitas delas elaboradas propositadamente pelos organizadores do evento – treinam os sujeitos para a apreensão de diferenças entre as paisagens, suas texturas, suas *naturezas*. É assim que as diferenças entre paisagens, que muitas vezes é concebida como fundada em um conjunto arbitrário de contrastes, se produz na experiência de cada uma dessas caminhadas, desses deslocamentos que, como já afirmei, são formas de conhecer.

É significativo que os caminhantes, quando perguntados se algo mudou na sua relação com a natureza após as caminhadas, elaborem suas respostas, normalmente, em termos somáticos.

Uma coisa mudou, eu comecei a analisar melhor a natureza. Quer dizer, eu sempre gostei de preservar, mas depois que você vai dentro dela, sente o cheiro dela, você começa a ter mais cuidado ainda. O que mudou para mim depois da caminhada foi o cheiro da natureza [José Rodrigo, Grandes Rios, agosto de 2011].

Antes mesmo nas primeiras caminhadas, eu não prestava atenção, mas agora tudo que eu vejo presto atenção e dou valor. Olha aí [nesse momento passamos por uma placa que indicava o nome de uma árvore

na beira do trajeto], essa árvore é casca danta. Agora sei como ela é, a cor, altura, tudo, nossa eu aprendo muito [Anita, Ivaiporã, setembro de 2010].

A gente acaba conhecendo muitas coisas, sabe. Aqueles dez mandamentos da natureza, você aprende ali. Com certeza depois da caminhada eu mudei, aprendi mais sobre ecologia, ambiente. Tanto que eu voltei a estudar faz dois anos e agora estou no segundo grau. Mas meu objetivo não é parar aí, não. Quero continuar e fazer, mais pra frente, o técnico em gestão ambiental pra conhecer mais a natureza. E a caminhada ajudou totalmente a despertar isso. Fiquei mais pela natureza, pelas coisas naturais. E o pessoal do meu grupo também ajudou. Tem gente que depois de caminhar fez gestão ambiental. A gente fica mais conectada com a natureza, sente ela mais perto e aí aprende. Na cidade você não ouve o barulho dessa cachoeira, não tem esse ar puro, e como vai pensar em natureza, então? Isso é só caminhando [Maysa, Manoel Ribas, março de 2011].

Mudou bastante, como a gente fica a vida toda na cidade, fica afastado da natureza, não tem noção do respeito que se deve ter com ela. Mas tendo o contato muda tudo. Muito, muito mesmo. O lado espiritual muda, a gente fica mais sensível às coisas, sabe? [Rosângela, Manoel Ribas, março de 2011].

Eu já fiz caminhada na cidade, mas não é igual. Aqui o clima é outro e isso fica na gente. Parece até que os olhos da gente ficam diferentes [Fátima, Grandes Rios, agosto de 2011].

As narrativas elaboradas pelos caminhantes para descreverem suas experiências de deslocamento nos remetem a outro aspecto central da caminhada, o mais importante é caminhar e não chegar. Parte desse tipo de problematização foi elaborada, inicialmente, por pesquisadores de peregrinações cristãs contemporâneas em que, diferentemente do que é narrado nos textos medievais, a chegada ao santuário em que termina o périplo não é o ápice do deslocamento, mas uma espécie de anticlímax (FREY, 1998). Assim, a ênfase dos caminhantes em seus deslocamentos, quando experimentam sensações revigorantes e entram em um contato com a natureza, também torna a chegada ao ponto final do percurso não em um momento de êxtase, mas de encerramento. Como disse um caminhante: “Chegar pouco importa. Até porque chegar onde? A caminhada não tem fim, a gente pode encerrar uma caminhada, mas não para de caminhar. Se parar de caminhar é porque morreu”.

## Conclusão

Ao elaborar um trabalho sobre caminhadas, procurei não tomar essa ação de deslocamento como uma expressão de algo *antropologicamente analisável*, mas, justamente, assumi o próprio ato de caminhar como o foco de interesse desta pesquisa. Nessa perspectiva, meu objetivo primeiro foi o de apontar para a possibilidade de elaborar perguntas que fossem mais adequadas ao que meus interlocutores diziam sobre a relação da caminhada com seus modos de experimentar o mundo. Nas minhas idas ao Vale do Ivaí, deparei-me com enunciados como o de João, um caminhante de Londrina, que sintetizava o objetivo daquela atividade como sendo “a contemplação da natureza”, algo que, segundo ele, “você só consegue fazer na velocidade da caminhada”.

Ao longo deste texto tratei de apresentar diferentes aspectos e consequências epistemológicas da sentença “caminhar é conhecer”. Conceber o deslocamento como ação intrínseca ao conhecimento pode parecer bastante inusitado em uma sociedade

em que, como já havia dito Mauss (2003), uma das primeiras técnicas corporais que se aprende é sentar. A reflexão que procurei desenvolver está assentada na necessidade de jogar luzes sobre a sensibilização perceptiva dos sujeitos em um mundo que se constitui no fluxo dos deslocamentos. A partir dessa perspectiva, que está em franco diálogo com autores como Tim Ingold (2000; 2011), Thomas Csordas (2008) e Merleau-Ponty (1971; 2000), procuro escapar tanto de uma concepção hermenêutica dos sujeitos como seres culturais suspensos numa teia de significados que dá sentido ao mundo, como também da ideia de que os objetos (a paisagem, o mundo) são apenas o resultado de um arranjo de qualidades primárias (forma, tamanho, estrutura). Termino, então, procurando me aproximar de uma apreensão mais fenomenológica em que sujeito e mundo são mutuamente sensíveis e sencientes, de modo que o entrelaçamento desses dois domínios da vida (que não são dois distintos) forja-se a partir de uma trama irreduzível. Não posso recusar, aqui, o parentesco desse tipo de perspectiva com as ideias de Merleau-Ponty que, em seu livro *Fenomenologia da percepção*, afirma: “O corpo próprio está no mundo como o coração está no organismo: ele mantém continuamente em vida o espetáculo visível, ele o anima e o nutre interiormente, forma com ele um sistema” (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 210).

Ao apresentar a caminhada a partir da experiência dos sujeitos, de seus engajamentos nas paisagens da natureza, da educação de suas atenções nos objetos dispostos nos circuitos do Vale do Ivaí, procurei elaborar uma narrativa etnográfica que descrevesse aquele contexto a partir desses entrelaçamentos entre os caminhantes e as paisagens das caminhadas. Foi desde a perspectiva da experiência dos sujeitos que discuti os *rastros* das caminhadas na *natureza*. Como anunciei na introdução, parte de meus investimentos neste artigo estão relacionados com a possibilidade de tratar da expansão de certo *idioma ambiental* sem, contudo, essencializar o ideal de *natureza* de tal *idioma*. Trata-se, em certo sentido, de buscar apresentar o processo de ambientalização social a partir, justamente, de uma natureza dessubstantivada nas experiências dos sujeitos. Não está em jogo, portanto, apreender os significados atribuídos à natureza, mas descrever a produção e a experimentação de paisagens que, em um determinado fluxo de atenção, foram tornadas *naturezas*.

## NOTAS

<sup>1</sup> De agora em diante, quando utilizar o termo Caminhadas na Natureza, em maiúsculo, estarei me referindo à política pública instituída no Paraná em 2007.

<sup>2</sup> Esta pesquisa está relacionada ao projeto coordenado por Carlos Alberto Steil, intitulado: “Ambientalização Social e Religião”.

<sup>3</sup> O termo “ambientalização social” encontra certa ressonância com “ambientalização dos conflitos sociais” de José Sérgio Leite Lopes (2004). Contudo, o termo aqui empregado procura marcar que o interesse deste trabalho não são apenas os conflitos sociais que adquirem contornos ecológicos, como também a expansão de determinado ideário ecológico para diversas esferas.

<sup>4</sup> O grupo interdisciplinar SobreNaturezas é resultado da união de pesquisadores de diferentes níveis relacionados com os projetos de pesquisas de Carlos Alberto Steil, “Ambientalização Social e Religião”, e de Isabel Cristina de Moura Carvalho, “Ambientalização Social como educação moral do século XXI”. Para acompanhar as atividades do grupo, ver: <www.sobrenaturezas.blog.br>.

<sup>5</sup> A categoria idioma ambiental foi elaborada, originalmente, no projeto “Ambientalização Social e Religião” e apresentada no texto Carvalho e Toniol (2010).

<sup>6</sup> Vale destacar que, ao elaborar essa perspectiva, Ingold também visa problematizar a não consideração dos não humanos na produção de conhecimento. Contudo, o que me interessa nessa perspectiva, nesse momento, não é tanto a possibilidade de considerar os não humanos como produtores de conhecimento, mas sim o fato de que aquilo que, habitualmente, considerou-se como oposto à razão no ocidente moderno – isto é, o corpo – também seja considerado como possível produtor de conhecimento sobre o mundo.

<sup>7</sup> Uso o termo “cultivo de si” tem como referência a elaboração feita por Carvalho e Steil: “A ideia de cultivo será tomada aqui em duas acepções que procuraremos considerar de forma articulada: uma que remete ao sujeito (*self*) e a outra ao ambiente. Quando referida ao sujeito (*self*), o cultivo de si incorpora um conjunto de práticas autoeducativas que vamos identificar como uma forma de ascese no mundo, que visa o aperfeiçoamento pessoal por meio do cuidado do corpo e da alma. [...] O cultivo do ambiente, por sua vez, refere-se fundamentalmente à preocupação ecológica com a sustentabilidade da natureza, a educação ambiental e a sobrevivência do planeta. Podem ser elencadas, nesse campo de práticas, o consumo ecológico, a reciclagem, a arquitetura agroecológica, dentre outras. Embora o cultivo de si e do ambiente nem sempre apareçam interligados, a probabilidade desse nexo é bastante recorrente, apontando processos complementares tanto de sacralização da natureza quanto de “naturalização” do sagrado” (CARVALHO; STEIL, 2008, p. 290).

<sup>8</sup> O Caminho de Santiago também ocupa uma posição singular no espectro das peregrinações cristãs. Segundo Steil, sua versão contemporânea aponta para um modelo de peregrinações que têm “um novo impulso que vem tanto da revalorização de tradições pré-cristãs quanto da emergência das religiões do *self*, que vão enfatizar a dimensão da experiência pessoal e a imanência do sagrado na paisagem e na natureza” (STEIL, 2008, p. 784).

<sup>9</sup> Ressalto aqui o pronome *seu* porque não me refiro ao corpo de Rosângela enquanto substrato biológico genérico, mas ao corpo que foi produzido a partir das afetações experimentadas individualmente por Rosângela.

<sup>10</sup> Vale ressaltar a relação entre essa relação do corpo com o mundo com o conceito de carne do mundo como sugeriram Carvalho e Steil: “É importante observar que o conceito de carne em Merleau-Ponty contribui significativamente para a superação da posição antropocêntrica que transforma todo não humano em mero objeto. Diferentemente da crítica da ecologia profunda que, ao se posicionar a favor do biocentrismo contra o antropocentrismo, apenas muda de polo, sem alterar a relação de submissão entre humanos e não humanos, Merleau-Ponty chama a atenção para o entrelaçamento denso e extensivo entre esses polos como uma mesma carne, ao mesmo tempo em que reconhece que o processo de autoconsciência em cada um deles não é idêntico” (CARVALHO; STEIL, 2008, p. 293).

<sup>11</sup> Os dez mandamentos da natureza como parte das placas das caminhadas foi uma sugestão de um pároco de uma das cidades do Vale do Ivaí para uma das caminhadas. Desde essa ocasião, em todas as atividades na região, os dez mandamentos são espalhados ao longo do percurso. Os dez mandamentos são: 1º) Amar a natureza como a si mesmo; 2º) Não destruir nada, por prazer; 3º) Não pescar predatoriamente; 4º) Honrar e respeitar a natureza; 5º) Economizar os recursos naturais; 6º) Conscientizar-se das consequências da destruição dos recursos naturais; 7º) Ajudar e incentivar as campanhas de reciclagem do lixo; 8º) Diminuir o uso de materiais tóxicos, quer na limpeza do lar quer na agricultura; 9º) Conservar a fertilidade do solo; 10º) Assumir compromissos na sociedade em favor do meio ambiente (Fonte: Salette – Revista dos Missionários Saletinos, Ano 86, Número 735 – set./out., 2002; Passo Fundo – RS).

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Leila. *Carnaval da alma*: comunidade, essência e sincretismo na nova era. Petrópolis: Vozes, 2000.
- AZEVEDO, Thales de. *O catolicismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.
- BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind*. Chicago/London. The University of Chicago Press, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. 9. ed. Campinas: Papirus, 2008.
- CARNEIRO, Sandra de Sá. *Apé e com fé*: brasileiros no Caminho de Santiago. São Paulo: CNPq/Pronex: Attar, 2007.
- CAROZZI, Maria Júlia. *A nova era no Mercosul*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; TONIOL, Rodrigo. Ambientalização, cultura e educação: diálogos, traduções e inteligibilidades possíveis desde um estudo antropológico da educação ambiental. In: Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. Esp., p. 1-12, 2010.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a 'naturalização' do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambiente e Sociedade*, v. 11, n. 2, p. 289-305, 2008.
- CSORDAS, Thomas J. *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.
- DESCOLA, Philippe. *Par-delà nature et culture*. Paris, Éditions Gallimard, 2005.
- FREY, Nancy Louise. *Pilgrim Stories: on and off the road to Santiago*. California: University of California Press, 1998.
- INGOLD, Tim; VERGUNST, Lee. *Ways of walking: ethnography and practice on foot*. London: Ashgate publishing, 2008.
- INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment*. Essays in livelihood, dwelling and skill. London/New York: Routledge, 2000.

- \_\_\_\_\_. Footprints through the weather-world: walking, breathing, knowing. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 16: 121-139, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Being Alive: essays on movement, knowledge and description*. Londres e Nova York: Routledge, 2011.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- \_\_\_\_\_. Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches. São Paulo: EDUSC, 2002.
- LEITE LOPES, J. S. (Org.). *A ambientalização dos conflitos sociais: participação e controle público da poluição industrial* (coordenador). Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Mystica Urbe*. São Paulo: Prêmio Nobel, 1999.
- MAUSS, M. *As técnicas do corpo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.
- \_\_\_\_\_. *O visível e o invisível*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus, 1965.
- SHEETS-JOHNSTONE, Maxine. *The Primacy movement*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- STEIL, Carlos Alberto. Verbete: Peregrinação. In: BORTOLLETO, Fernando Filho; SOUZA, José Carlos; KILPP, Nelson (Org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*, p. 782-785, 2008.
- STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. Peregrinação, turismo e nova era: Caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. *Religião e Sociedade*, v. 28, n. 1, p. 108-124, 2008.
- STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá (Org.). *Caminhos de Santiago no Brasil: interfaces entre turismo e religião*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2011.
- STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. Ecologia, corpo e espiritualidade: uma etnografia das experiências de caminhada ecológica em um grupo de ecoturistas. *Cadernos do CRH*, Salvador, v. 24, n. 61, p. 29-49, 2011.
- TONIOL, Rodrigo; STEIL, Carlos Alberto. Ecologia, Nova Era e Peregrinação: uma etnografia da experiência de caminhadas na Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela do Rio Grande do Sul. *Debates do NER*, n. 17, p. 97-120, 2010.
- TONIOL, Rodrigo. O caminho é aqui: um estudo antropológico da experiência do Caminho de Santiago de Compostela em uma associação de peregrinos do Rio Grande do Sul, Brasil. In: PASOS. *Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, Tenerife, v. 9(3) Special Issue, p. 69-82, 2011.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo, Cosac Naify, 2002.